

/ PALAVRA DO LEITOR

Empresa de 130 anos

A Óptica Foernges comemora, em 2025, 130 anos. A primeira sede, localizada na Rua dos Andradas, no Centro Histórico de Porto Alegre, foi inaugurada em 1º de abril de 1895 (**Jornal do Comércio**, edição de 05/05/2025). Uma história de empreendedorismo e determinação fez da Óptica Foernges a mais antiga do Brasil em funcionamento ininterrupto! Parabéns, família Foernges e colaboradores! Muito orgulho de poder ter relatado a sua história por ocasião da passagem dos 120 anos. (*Suzana Schilling*)



Faixa para motos

Porto Alegre solicitou autorização para implementar uma faixa exclusiva para motos na cidade (JC, 07/05/2025) Faixa para ônibus, para bicicletas e agora motos!! E os veículos normais, de passeio, vão andar por onde? Não há espaço para isto na cidade. (*Everton Corneli*)

Faixa para motos II

Com o crescimento descontrolado dos bairros, a mobilidade urbana sofre. Mas querem culpar quem usa carros particulares, mesmo sabendo que a origem do problema é outra. (*Luiza Schmidt*)

Faixa para motos III

A cidade já está caótica por causa das faixas dos ônibus. Porque não se preocupam com a pavimentação antes de implantar qualquer coisa! Asfalto de péssima qualidade, fora a buraqueira que está a cidade inteira. (*Roberta Feldmann*)

IA na educação

A Secretaria Estadual da Educação lançou uma ferramenta de IA que prevê o risco de abandono escolar na rede estadual de ensino (JC, 06/05/2025). Faltam professores nas escolas, ninguém aguenta mais esse descaso com a educação, alunos não querem ir na escola para não ter aula. (*João Batista Nunes*)

IA na educação II

Os professores já estão saindo fora! As escolas no Sul já estão sucateadas, caídas, marcadas pela enchente, professores doentes... Comecem a compartilhar sobre a desvalorização dos professores e aí quem sabe sobre o abandono dos alunos. Como estudar com professores desmotivados? (*Rafa Chardosim*)

Startup e reconstrução

A startup Cluster, de Pelotas, está entre as 15 empresas do Sul do Rio Grande do Sul contempladas pelo Plano Rio Grande para ajudar pequenas empresas (JC, 06/05/2025) Matéria muito boa que destaca a importância da união para a reconstrução do Rio Grande do Sul. (*João Antônio Ferreira*)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Handicap 36

Eduardo Estima

Maio de 2024, o mês que expôs quão nu estava o Rei Rio Grande do Sul.

Arrastado e devastado por enorme quantidade de água, em rios que insistiram desviar suas curvas, transformando-as retas pela força da natureza e não se satisfazendo em simplesmente alagar suas margens, decidiram permanecer nos novos caminhos, como moradores de longa estada.

Cheias com mais de 2, 3 e até 8 metros de altura, insistiram em morar em nossas casas, ocupar nossas empresas, nossas escolas, e hospitais, estradas, ruas e avenidas, por um mês inteiro. Quando a água partiu deixou suas marcas, fortes, dolorosas e lodosas, misturas de agentes químicos e detritos, como cena de um filme de guerra apocalíptica.

Naquele agora, nos restava começar de novo. Uns partiram para terras mais amigáveis, outros para pontos mais altos, mas a maioria ficou, cravou pé na lama relutante e, lembrando Pedro I, disse ao povo que "Fico".

Um ano se passou, retomamos nossas estruturas privadas e ainda aguardamos o Estado retomar todas às que lhes cabe.

Ainda que se recuperando da catástrofe nos sentimos acolhidos, seja por nossas famílias ou amigos, seja por nossos irmãos Brasileiros e estrangeiros, que não mediram esforços ao ver a agonia da gente do Sul.

Vieram os financiamentos governamentais? Não. O mercado resolveu adquirir nossos produtos e serviços porque havíamos passado por tudo aqui falado? Não.

Um ano depois - como estamos?

Vicente Rauber

Em maio completamos um ano da ocorrência da maior catástrofe climática do RS e do Brasil. Os eventos climáticos extremos são decorrentes do sobreaquecimento do Planeta. No ano passado já ultrapassamos a média em 1,5°C, acordada para ocorrer a partir de 2040. Precisamos urgentemente estancar esta situação, reduzindo a emissão de gases de efeito estufa - GEEs.

O Rio Grande do Sul ainda tem muito a reconstruir e a modificar, mas recompõe-se

de ocorrência maior no RS.

A redução dos GEEs nos grandes centros urbanos está diretamente relacionada à valorização do saneamento básico, especialmente os lixos e a drenagem e proteção contra cheias, bem como ao aumento da arborização e recuperação dos arroios.

Por sua vez, os veículos à combustão são responsáveis por aproximadamente dois terços da geração

Então decidimos agir, colocar a faca gaudéria por entre os dentes, e partir campo a fora, numa desenfreada busca pela colocação de nossos bens e serviços no mercado nacional e mundial.

Após um ano de nossa cheia histórica, estamos de pé ainda que muitos devendo juros impagáveis, outros devendo impostos ou mesmo ainda vivendo precariamente, mas de pé, unidos, associados pelo que temos de melhor em nossa terra: nossa resiliência.

Estamos logisticamente distantes dos grandes centros de consumo do País para nossos produtos e serviços, o que mais nos desafia a entregar algo competitivo, lá na ponta final do mercado. Mas, estamos fortalecidos, seja pela união de nossas entidades, seja pelas pessoas que insistem em nos posicionar como vencedores novamente.

Fazendo uma analogia utilizando o golf, a dureza do áspero, mas, tão justo mercado, não nos oferecerá um handicap 36 (índice de iniciantes no esporte). Somos e seremos nós por nós, até à conquista de um hole-in-one.

Rio Grande: Dê o passo que Deus te coloca o chão.

Empresário e Presidente do IBEF - Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças RS

Estamos fortalecidos, seja pela união de nossas entidades, seja pelas pessoas

dos GEEs. Os veículos elétricos (grande conquista da nossa época) têm a possibilidade de eliminar estas emissões.

O Rio Grande do Sul ainda tem muito a reconstruir e a modificar, mas recompõe-se. Prova disto é o crescimento do Estado em 2024 de 4,9% ante a média nacional de 3,4%. A União, ao destinar R\$ 111,6 bilhões à reconstrução do RS, participa deste resultado, mesmo com recursos ainda parcialmente aplicados.

Em relação à drenagem urbana e proteção contra cheias, muito pouco avançamos, aprendemos pouco.

Não temos nenhuma obra nesta área sendo executada em relação aos R\$ 6,5 bilhões destinados pela União. Diagnósticos, viagens internacionais e anúncios (muitos descabidos) não faltam.

Porto Alegre, que possui um Sistema de Proteção contra Inundações robusto e suficiente para evento desta magnitude (construído para suportar elevações das águas até 6,0m contra 6,37m ocorridos), não funcionou porque as comportas externas e as vinculadas às Casas de Bombas estavam deterioradas sem a sua manutenção ordinária. A sua reparação está distante de ser concluída. Outras obras inadequadas tem sido realizadas. Tomara que não tenhamos outra inundação grande a seguir.

Engenheiro especialista em Planejamento Energético e ambiental